

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 6 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 6)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-966-0 DOI 10.22533/at.ed.660202301</p> <p>1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravio Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os lewares dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos lewares de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter

de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PRÁTICAS DE ORALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Elaine Kendall Santana Silva Nataniele Fernandes dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.6602023011	
CAPÍTULO 2	15
PRODUÇÃO DE VÍDEOS E CONFECÇÃO DE MAQUETES: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA AULA DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO	
Luzia Gomes Lira Irlei Gomes de Oliveira Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6602023012	
CAPÍTULO 3	25
PRODUÇÃO SONORA, SEMIÁRIDO E POLÍTICA: OS SPOTS PRODUZIDOS PELA ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO BRASILEIRO – ASA EM 2016	
Anaelson Leandro de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.6602023013	
CAPÍTULO 4	35
PROJETOS DE APRENDIZAGEM E GAMIFICAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR	
Anibal Lopes Guedes Fernanda Lopes Guedes Eliane Schlemmer	
DOI 10.22533/at.ed.6602023014	
CAPÍTULO 5	52
QUEIMADAS NO ACRE: UM PROBLEMA DO VERÃO AMAZÔNICO	
Lívia Fernandes dos Santos Fernando Neri de Arruda Jordana Souza Paula Riss	
DOI 10.22533/at.ed.6602023015	
CAPÍTULO 6	59
REDAÇÃO DE SURDOS: UMA JORNADA EM BUSCA DA AVALIAÇÃO ESCRITA	
Maria do Carmo Silva Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.6602023016	
CAPÍTULO 7	63
RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ELPÍDIO BARBOS AMACIEL EM SÃO BENTO DO UNAPE: O CASO DA CLASSIFICAÇÃO DO RELEVO BRASILEIRO SEGUNDO JURANDYR ROSS	
Josenildo Odilon de Lima Lindhiane Costa de Farias Manoel Felix da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6602023017	

CAPÍTULO 8	66
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A UTILIZAÇÃO DO KAHOOT COMO FERRAMENTA INTERATIVA PARA O ENSINO APRENDIZAGEM	
Sandra Rosimere Hermes dos Santos Eronice Rodrigues Francisco Sérgio Santos Silva Filho	
DOI 10.22533/at.ed.6602023018	
CAPÍTULO 9	71
RETRATOS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL EM ITABIRITO/MG	
José Erildo Lopes Júnior Marcos Gonzaga	
DOI 10.22533/at.ed.6602023019	
CAPÍTULO 10	84
ROTA ACESSÍVEL – DIRETRIZES DE PROJETO DE REFORMA/ADAPTAÇÃO ESCOLAR	
Gabriel Moraes de Bem Aryane Spadotto Jorge Armino Sell Roberta Costa Ribeiro da Silva André Gustavo Müller Giovana Gonçalves Gustavo Gabriel Hoffmann Lana Stefany Neves Izidro Luis Felipe Borges Sabrina Thiem	
DOI 10.22533/at.ed.66020230110	
CAPÍTULO 11	88
SALA DE AULA INVERTIDA (ADAPTADA): FACILITADORA DO PROCESSO DE ENSINOAPRENDIZAGEM DE QUÍMICA	
Renata Gonçalves da Mata Costa	
DOI 10.22533/at.ed.66020230111	
CAPÍTULO 12	97
SELEÇÃO DE MATERIAIS A PARTIR DA ANÁLISE MICROESTRUTURAL: A APRENDIZAGEM PELA PRÁTICA E A DIDÁTICA PROFISSIONAL	
Eduardo do Nascimento Karasinski	
DOI 10.22533/at.ed.66020230112	
CAPÍTULO 13	105
SENTIDOS RETÓRICOS NAS LETRAS ALEMÃS DO MEDIEVO: CAMINHOS PARA A INTERPRETAÇÃO RETÓRICA DOS ROMANE CAVALEIRESCOS EM MÉDIO ALTO ALEMÃO (MITTELHOCHDEUTSCH)	
Marcus Baccega	
DOI 10.22533/at.ed.66020230113	

CAPÍTULO 14 113

SOROBAN COMO INSTRUMENTO TECNOLÓGICO DE APRENDIZAGEM MATEMÁTICA NA EJA

Isnaele Santos da Silva
Simone Maria Chalub Bandeira Bezerra
Salete Maria Chalub Bandeira
Denison Roberto Braña Bezerra
Mário Sérgio Silva de Carvalho
Everton dos Reis Araújo
Andrea Bastos dos Santos
Conceição Lima da Silva

DOI 10.22533/at.ed.66020230114

CAPÍTULO 15 123

STRATEGOS- O JOGO DIGITAL COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DE EGRESSOS DE ENGENHARIA

Marcos Baroncini Proença
Dayse Mendes
Fernanda Fonseca
Viviana Raquel Zurro
Luciano Zurro Stelle

DOI 10.22533/at.ed.66020230115

CAPÍTULO 16 130

TEORIA HUMANISTA, TEORIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E TEORIA DA INSTRUÇÃO PRESCRITIVA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO CONTEMPÔRANEA

Elivania Toledo Rodrigues
Silvana Mara Lente
Odenise Jara Gomes
Vania de Oliveira Silva
Elisangela de Oliveira Silva
Solange Teresinha Carvalho Pissolato
Marinalva Pereira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.66020230116

CAPÍTULO 17 140

TRADUÇÃO E ALTERIDADE NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UMA ABORDAGEM NO ENSINO DE LE A CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL

Rosanne Castelo Branco

DOI 10.22533/at.ed.66020230117

CAPÍTULO 18 149

TRANSDISCIPLINARIDADE E NEUROCIÊNCIA DA APRENDIZAGEM EM UM CONTEXTO DE HORTA ESCOLAR

Nágila Maria Silva Oliveira
Roberto Mamedio Bastos
Kelly Cebelia das Chagas do Amaral

DOI 10.22533/at.ed.66020230118

CAPÍTULO 19	154
TRANSPORTE SUSTENTÁVEL E FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CICLISMO NO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DO PROSA (PEP) EM CAMPO GRANDE/MS	
Guilherme Pires Veiga Martins Edson Pereira de Souza Icléia Albuquerque de Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.66020230119	
CAPÍTULO 20	169
UM ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DE JOVENS ESTUDANTES: TRABALHO, IDENTIDADE, AUTORIA E SEUS SILENCIAMENTOS	
Alexandra Tagata Zatti Tânia Regina Raitz Kátia Regina Hillesheim	
DOI 10.22533/at.ed.66020230120	
CAPÍTULO 21	178
VIAGEM NOS MAPAS	
Lia Margot Dornelles Viero Elsbeth Léia Spode Becker Natália Lampert Batista	
DOI 10.22533/at.ed.66020230121	
CAPÍTULO 22	192
INOVAÇÃO NOS CARDÁPIOS DA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/SC	
Vanessa Fernandes Davies Marcela Kruger Correa Emanoelle Nazareth Fogaça Marcos Nicole Pelaez	
DOI 10.22533/at.ed.66020230122	
CAPÍTULO 23	203
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO AMBITO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Silvana Mara Lente Odenise Jara Gomes Vania de Oliveira Silva Elisangela de Oliveira Silva Solange Teresinha Carvalho Pissolato Marinalva Pereira dos Santos Elivania Toledo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.66020230123	
CAPÍTULO 24	214
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DA RECEPÇÃO DO POEMA DO AUTOR CRAVEIRINHA, COMO SUBSÍDIO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA E DOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS EM MOÇAMBIQUE	
Altair Sofientini Ciecowski	

Amarildo Bertasso

DOI 10.22533/at.ed.66020230124

CAPÍTULO 25 220

MÉTODOS INOVADORES NO PROCESSO DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE:
UMA ANÁLISE COM TURMAS DOS 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
COMUNIDADES CARENTES NO ENTORNO DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PA

Danilo Marcus Barros Cabral

DOI 10.22533/at.ed.66020230125

CAPÍTULO 26 228

CORPOS-TEXTO NA IMENSIDÃO DE HISTÓRIAS INCOMPLETAS: A SEXUALIDADE
COMO DISPOSITIVO DE SENTIDOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Luiz Henrique Moreira Soares

Heitor Messias Reimão de Melo

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Maria Regina Momesso

Débora Cristina Machado Cornélio

Andreza de Souza Fernandes

Monica Soares

Carlos Simão Coury Corrêa

Valquiria Nicola Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.66020230126

SOBRE A ORGANIZADORA 245

ÍNDICE REMISSIVO 246

TRADUÇÃO E ALTERIDADE NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UMA ABORDAGEM NO ENSINO DE LE A CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL

Data de aceite: 02/01/2020

Rosanne Castelo Branco

O trabalho consiste em apresentar a investigação resultante da prática no ensino-aprendizagem de língua estrangeira, no caso a língua alemã, a crianças em situação de vulnerabilidade social vinculada a um projeto de extensão na cidade de Belém, na Amazônia, e tem por objetivo despertar para conceitos da alteridade presentes nas narrativas, ao tratar das múltiplas e diversas formas do ser, do sentir e do pensar humanos, cujas reflexões se baseiam nas idéias de teóricos como LARROSA e LAPA(1998). Tal reflexão se concretiza com a abordagem da tradução frente à outra cultura, a alemã, levando-nos a refletir sobre a nossa própria cultura, ao tratar de fatos da realidade humana retratados nas representações simbólicas presentes nos contextos narrativos e nas ilustrações, cujas análises contam com o pensamento de MESCHONNIC(2010),OCTAVIO PAZ(1990), OITTINEN(2000) e PETER HUNT(2010). **PALAVRAS-CHAVE:** Alteridade. Tradução intercultural. Literatura Infanto-juvenil.

ABSTRACT: The work consists in presenting the research resulting from the practice in

foreign language teaching-learning, in the case of the German language, to children in situations of social vulnerability linked to an extension project in the city of Belém, in the Amazon, and aims to awaken For concepts of alterity present in the narratives, in dealing with the multiple and diverse forms of human being, feeling and thinking, whose reflections are based on the ideas of theorists such as LARROSA and LAPA (1998) and BRANDÃO (1986). This reflection is concretized by the approach of the translation to the other culture, the German, leading us to reflect on our own culture, when dealing with facts of human reality portrayed in the symbolic representations present in narrative contexts and illustrations, whose analyzes count With the thinking of MESCHONNIC (2010), OCTAVIO PAZ (1990), VENUTI (2002), OITTINEN (2000) and PETER HUNT (2010). The methodology adopted is the interdisciplinarity present in the transversality of YUS (1998).

KEYWORDS: alterity. intercultural translation. Infante-juvenil literature.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho busca trazer à discussão, questionamentos gerados quando do ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, a língua alemã, no contato com uma outra cultura,

a da Amazônia, cujas interferências se fazem presentes no âmbito da tradução, frente à língua de saída e à língua de chegada. Tais observações e contextualizações foram detectadas quando da implementação na Amazônia, no ano de 2008, do projeto pioneiro de Extensão no ensino de língua alemã, vinculado à Universidade Federal do Pará, intitulado de *Aprendendo Alemão na Amazônia: Interculturalidade e Consciência Ambiental*. O projeto que atende a crianças de 5 a 12 anos de idade, em situação de vulnerabilidade social, tem como principal objetivo o de promover a reinserção social das crianças através do conhecimento de uma segunda língua unido a uma nova cultura, despertando a motivação, autoestima e o desenvolvimento de competências e habilidades, assegurando à criança a consciência de seus direitos, de se perceber como cidadã e de estar inserida na sociedade, gerando superação frente às adversidades que a vida lhes impõe. O estudo e a leitura dos contos de Literatura infanto-juvenil de língua alemã, quando realizado pelas crianças, acabou por apresentar situações que têm relação com o fenômeno da alteridade, resultante do processo de como nos vemos diante do Outro, sobre o que nos deteremos na explicitação desse contexto.

A ALTERIDADE: EU E O OUTRO

Para alicerçar e aprofundar as reflexões aqui pretendidas, buscamos perspectivas variadas de pensadores e pesquisadores que se detêm em aplicar um novo olhar sobre a tradução frente às particularidades impostas pela diversidade cultural inerente a cada sociedade, unido à especificidades relativas ao fenômeno da alteridade. Neste caso, podemos destacar nas palavras de Octavio Paz (1990), a importância que a tradução exerce na interrelação e aproximação com outras culturas e sociedades, unido à contextualização da presença do 'outro', através desta outra linguagem:

“[...] as culturas são locais, autosuficientes e monolinguistas. É a tradução que introduz o 'outro', em sua forma mais radical e estranha: a linguagem. E quando se pensa em linguagem diferente, supõe-se imediatamente uma maneira outra de sentir, pensar e entender o mundo” (Paz apud Pontes et al. 2014:28).

De início, podemos pensar sobre as dificuldades tradutórias que podem estar presentes em todos os tipos de textos e situações, dentre elas, na própria sala-de-aula, quando do ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, no nosso caso, o ensino da língua e da literatura alemãs a crianças que convivem com a magia da cultura amazônica retratada em mitos e lendas. Surpreendentemente, constatamos, através de nossa experiência, que crianças não se constituem de estereótipos ou de conceitos pré-estabelecidos sobre outras culturas, mas se encontram abertas

à linguagem e ao conhecimento do 'outro', embora já demonstrem a riqueza de conhecimento sobre aspectos inerentes à sua própria cultura, retratados na interação diária com as tradições amazônicas, o que vem contribuir para a relação dialógica com a outra língua e cultura. Na concepção de Meschonnic (2010), a tradução se dá de forma fenomenológica, quando buscamos compreender ou interpretar a linguagem do 'outro', numa busca de interação interpessoal e intercultural:

“O efeito de uma concepção geral da linguagem sobre a tradução aparece plenamente na fenomenologia que põe a linguagem no compreender de um interpretante, de onde traduzir, interpretar, compreender são equivalentes, e toda relação interpessoal, intercultural, toda troca de pensamento é tradução.”(Meschonnic:2010: 35)

O ensino de língua alemã a meninas, de 5 a 12 anos de idade, em situação de vulnerabilidade social, na periferia da cidade de Belém, na Amazônia, comprovadamente, acabou por nos colocar diante da constatação de que “toda vez que nos vemos em contato com a cultura do outro, somos imediatamente levados a tentar compreendê-la, levando-nos a refletir sobre nós mesmos e sobre o modo pelo qual nos posicionamos diante deste outro” (Ramos&Batalha,2004:27). A prática no ensino-aprendizagem da literatura infanto-juvenil alemã a crianças na Amazônia numa prática dialógica com a literatura amazônica acabou por evidenciar o processo da tradução intercultural em sala-de-aula, uma vez que lidamos com culturas distintas, e nos levou a pensar sobre o fenômeno da alteridade quando percebemos que as crianças passavam a se colocar no lugar do 'outro', no caso dos personagens nos livros, independente se estavam representados por animais, plantas ou coisas, e das expressivas diferenças culturais. As diversas abordagens científicas sobre o fenômeno da alteridade evidenciam que a alteridade já era pensada no início do século XX ganhando destaque no último século por áreas científicas distintas, levando-nos à reflexão a respeito de suas contextualizações e reflexões, em destaque as palavras de Miranda, ao ressaltar que:

[...] ao vivermos num tempo paradoxalmente marcado pela intolerância e falta de respeito, retratados na exclusão do 'outro', somado a um contexto de conflitos culturais, sociais e religiosos, isso tudo acaba por trazer à tona a questão da alteridade como fenômeno de estudo de diversas áreas do conhecimento como antropologia, psicologia, educação, sociologia,etc. (Miranda: 2001:17)

Tal reflexão vai ao encontro do pensamento da filósofa e política alemã Hannah Arendt (idem,2001:16) quando profetizou que “a banalização do outro é um sintoma que caracteriza a própria condição humana do nosso tempo” e de que “a alteridade é a qualidade de ser outro”(apud Winckler,2004:9). Ambas afirmações, tão adequadas aos tempos atuais, nos fazem constatar de que pensar e se colocar no lugar do 'outro' era uma manifestação já presente em outras épocas, na busca do respeito

às diferenças por uma sociedade mais justa e igualitária, onde o homem sempre lutou em evidenciar e denunciar esse tipo de barbárie humana, na intenção de estreitar a aproximação entre diferentes culturas, minimizando problemas gerados por diferenças culturais e religiosas. Ao ressaltar “a banalização do outro”, a filósofa Hannah Arendt denuncia, no início do século XX, comportamentos sociais extremos do não respeito e aceitação do ‘outro’ e suas diferenças, que acabam por evidenciar a desigualdade social, fazendo com que as pessoas tenham seus direitos violados e se tornem excluídas da sociedade. São fenômenos como esses que encontram ressonância nas palavras de Candau(2008) ao afirmar que

[...]A formação histórica pela eliminação física do “outro”, ou por sua escravização, é também uma forma violenta de negação da sua alteridade. Os processos de negação do “outro” se dão no plano das representações e do seu imaginário. (apud Wind, 2015:80)

A alteridade acaba por se revelar como um fenômeno de estudo nas relações sociais, adentrando também no pensamento filosófico contemporâneo, servindo de voz àqueles que reivindicam os direitos humanos e sociais iguais para todos, no objetivo de uma sociedade mais justa e igualitária. Jorge Larrosa(2011:3) destaca a alteridade num conceito voltado para a experiência retratada no acontecimento exterior a mim, ou seja, não há experiência sem a aparição de alguém, ou de algo ou acontecimento, que seja exterior a mim, estrangeiro a mim. Necessitamos do ‘outro’ para nos fazermos presentes no mundo. Nas suas observações sobre a tradução, Meschonnic(2010,p.XXIV) acrescenta que a prática da tradução passa pela compreensão unida à interpretação na ação do próprio sujeito, não ao encontro da Identidade, mas sim, quando se concretiza na alteridade, ou seja, o indivíduo se torna capaz de se colocar no lugar do outro, mantendo uma relação de diálogo e respeito às diferenças linguísticas e culturais.

TRADUZIR: A BUSCA DE SENTIDOS

O ato da tradução logo nos leva a pensar sobre a questão da fidelidade ao texto original e, conseqüentemente, da recriação no texto traduzido, frente à diversidade cultural e linguística que se apresenta entre duas línguas e culturas, o que nos leva a pensar nas palavras de Brum-de-Paula(2008:12) ao revelar que “os modos de dizer, de pensar, de agir e de se comportar por serem distintos, são incompatíveis, e por conseguinte, são intraduzíveis”. Ao destacar os fenômenos culturais e linguísticos, Brum-de-Paula aponta também para os efeitos de sentidos na passagem de uma língua para outra, caracterizado na constituição do sentido do que se busca traduzir e se vê diante do estranhamento, justificando que a intraduzibilidade pode ser

compreendida como a manifestação da resistência produzida pela presença do não-familiar, de algo desconhecido e estranho, difícil de ser transposto para outra língua (Brum-de-Paula, 2008:5). Esse processo de tradução exige do leitor, especialmente frente aos textos literários, a habilidade de decodificar e buscar a apreensão dos sentidos para a língua de chegada, que nem sempre se faz tão evidente. Também Antoine Berman, no ensaio *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, denuncia “o sistema de deformações dos textos – da letra – que opera em toda tradução, e impede-lhe de atingir seu verdadeiro objetivo” (Berman, 2003:45). Podemos observar nas palavras de Berman, de que tais deformações estão relacionadas ao que o autor denomina de “tradução etnocêntrica e hipertextual, onde o jogo das forças deformadoras se exerce livremente, sendo, por assim dizer, sancionado cultural e literariamente. Na realidade, todo tradutor está exposto a esse jogo de forças. Mais que isso: essas forças fazem parte do seu ser-tradutor e determinam, a priori, seu desejo de traduzir”. (Idem, 2003: 45). Por outro lado, podemos verificar que Meschonnic relaciona o processo da tradução com o exercício da alteridade, quando nos vemos diante do ‘outro’, através da sua língua e cultura, o que nos impulsiona à busca do entendimento e, conseqüentemente, da identidade com esse ‘outro’. Meschonnic(2010:4) reconhece que a poética da tradução constrói o estudo do traduzir, em sua história, como exercício da alteridade, e coloca à prova da lógica da identidade. Reconhecimento de que a identidade só acontece pela alteridade.

“A intensificação das relações internacionais não se limita às necessidades comerciais e políticas, tem ainda um outro efeito: o reconhecimento de que a identidade não é mais a universalização e não advém senão da alteridade, por uma pluralização na lógica das ligações interculturais[...]” (Meschonnic, 2010, p. XXI)

Meschonnic assegura que a tradução não tem o papel de esconder as diferenças, mas ao contrário, o de escancarar essas diferenças através da alteridade concretizada na diversidade dos discursos concretizada na mestiçagem, ou seja, na alteridade infinita dos discursos que estão sempre entre sentidos. Carvalhal(2003:238) dá ênfase à importância das traduções como elementos de contribuição e produção de outros textos e culturas, bem como, destaca a tradução como recurso importante nas relações com o ‘outro’.

Segundo Octavio Paz (1990), as culturas são locais e únicas nas suas particularidades, onde a tradução exerce o papel introdutório do ‘outro’ ao ultrapassar as fronteiras do universo das diversas culturas que têm sua própria linguagem.

TRADUÇÃO INTERCULTURAL: RELAÇÃO DIALÓGICA

O projeto social de alemão para crianças tem como metodologia a

transversalidade ao trabalhar com temáticas variadas em sala-de-aula, como o respeito às diferenças, as etnias, o preconceito racial, a diversidade de gênero, etc e nesse contexto acabou por se deparar com situações linguísticas e culturais diversificadas que exigiram a tradução intercultural observando a linguagem adequada àquela determinada cultura. É na recepção estética, quando das leituras de contos da literatura infanto-juvenil alemã numa interrelação com mitos e lendas amazônicas, que o projeto alcança seu objetivo e encontra seu ápice, ao provocar, de forma indireta e cognitiva, a imaginação das crianças frente ao caráter do abandono e da exclusão. É nesse momento, que ocorre a tradução em busca de sentidos e o encontro com o 'outro' na alteridade, quando as crianças enxergam o 'outro', elas enxergam a si mesmas, criando um processo de alteridade, ao se colocar, cognitivamente, no lugar desse 'outro'. Tal reflexão encontra reflexo nas palavras de Riita Oitinnen, ao afirmar que os tradutores nunca traduzem palavras isoladas e, sim, situações inteiras. Eles trazem à tradução todo seu patrimônio cultural, sua experiência de leitura e, no caso de livros infantis, suas imagens de infância e de sua própria imagem de criança[...] (2000:25).

Senão vejamos o conto *Bremer Stadtmusikanten*, dos Irmãos Grimm, cuja primeira publicação manuscrita é de 1812, traz como protagonistas animais inanimados que ganham vida e têm uma trajetória dentro do conto, onde são abandonados pelos seus donos. Segundo estudiosos dos Grimm, esses escritores buscavam, no século XIX, denunciar as diferenças de classe presentes no feudalismo na Alemanha àquela época e, como forma de não serem identificados, faziam uso da literatura infantil de caráter subliminar. No entanto, quando da recepção estética do conto dos Grimm pelas crianças, verificamos que o horizonte de expectativas se altera frente ao olhar infantil das crianças em situação de vulnerabilidade social, criando uma relação dialógica e intertextual na recepção estética do imaginário infantil de forma identitária, quando a criança retrata no 'outro', no caso, no animal rejeitado no conto infantil, a sua própria situação social dentro de uma sociedade que a ignora e a exclui. É através do processo de superação e de união do grupo de animais no conto, frente às dificuldades manifestadas pelos animais na narrativa, que as crianças percebem que é possível transpor suas próprias dificuldades e fronteiras que a vida lhes impõe, buscando novos caminhos para sua vida no futuro. Suzanne Romaine (1984 apud Hunt, 2010:85) dá ênfase à importância social das narrativas interpretadas e ressalta sobre a noção de complexidade no que se refere à estrutura narrativa que deve levar em conta tanto os fatores linguísticos como os sociais. (apud Hunt:2010:85)

Por conseguinte, trabalhar com as crianças da Amazônia com o conto alemão denominado de *Frau Holle*, dos Irmãos Grimm, nos levou à realidade da natureza climática do Norte do Brasil, de que não existe a neve, mas que a chuva é o grande

fenômeno permanente da região de floresta amazônica. No conto a senhora *Holle*, ao balançar o travesseiro de penas, faz cair neve sobre a terra, produzindo fatores positivos e de alegria àquela cidade. Como a região amazônica é conhecida pelas chuvas torrenciais, vespertinas e diárias em virtude da intensa umidade e calor, as próprias crianças, transcendem a cultura alemã, fazendo uso da imaginação cultural e geográfica e provocam essa transposição transformando a neve em chuva, onde podemos retomar o pensamento de Octavio Paz(1990)sobre o reconhecimento da cultura da língua de chegada, quando focaliza no tradutor da necessidade de conhecer a linguagem inserida na cultura de um povo para que se efetive uma tradução adequada e sem domesticação. Unido à aprendizagem da língua alemã, as crianças passam a conhecer a palavra “neve” através da escrita e da imaginação através de imagens, mas reconhecem a “chuva”como fator de grande importância para a manutenção da floresta amazônica . No entanto, não podemos deixar de verificar que a cultura na qual a criança está inserida acaba por adentrar num processo de simbiose com a cultura do ‘outro’, a de chegada, sem domesticá-la, promovendo seu enriquecimento com fenômenos das demais culturas. Em um outro momento, ao se falar na comemoração do “Dia das Bruxas” com as crianças que residem na Amazônia, esta festa comemorada no Reino Unido e no resto do Ocidente como *Halloween*¹, cuja bruxa na Alemanha é denominada de *Hexe*, as crianças se deparam com bruxas estereotipadas e, como um passo de mágica, sob o efeito da magia e dos mitos da Amazônia, procedem a identificação e transposição para o imaginário popular identificando a estética da bruxa comum do continente americano com a bruxa amazônica, denominada de *Matinta Pereira*. Trata-se de um mito, dentre tantos na Amazônia, que se metamorfoseia em defesa da floresta amazônica, cujo mito se encontra enraizado no imaginário popular e é cantada em verso e prosa na região Norte. As crianças da Amazônia não reconhecem o *Halloween* no espaço amazônico, uma vez que a *Matinta Pereira* reside na floresta e no imaginário de todas as crianças amazônicas.

Uma outra experiência intertextual e intercultural em sala de aula está na representação estética da *sereia*(a ninfa) cantada poeticamente pelo poeta e escritor alemão Heinrich Heine(1797-1856) em seu poema a *Saga de Lorerei*(*Loreraysage*, 1824) e transferida para diversas canções, poemas, narrativas e filmes. A sereia que habita as águas dos rios e igarapés da Amazônia é denominada de *Iara*, cuja representação estética da personagem está inserida no conto popular amazônico e, por conseguinte, no imaginário popular e infantil do Norte do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, podemos constatar nessa abordagem que as crianças

ultrapassam as fronteiras da linguagem e das diferenças culturais e vão ao encontro do 'outro' através dos próprios sentidos e sensações, com isso, encontrando novos caminhos em busca de seu lugar na sociedade. Finalmente, nossa experiência com o ensino de língua e literatura infantil alemãs a crianças em vulnerabilidade social na Amazônia nos fez ver que a criança está sempre aberta a novos conhecimentos e culturas e que, é possível, numa troca dialógica, procedermos a tradução intercultural, mesmo que cognitiva, além do aprendizado de que é possível respeitar as diferenças deixando-nos levar pelo fenômeno de olhar e enxergar o 'outro' através da tradução intercultural, contribuindo de alguma forma para uma sociedade melhor, mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

- Berman, Antoine. *A tradução e a letra: ou o albergue do longínquo* [trad. MarieHélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerine]. Rio de Janeiro: 7 Letras / PGET, 2007.
- Brum-De-Paula, Mirian Rose. *O outro no (in)traduzível*. PPGL/UFSM Editores, 2008.
- Carvalho, Tânia Franco. *O próprio e o alheio: Ensaio de literatura comparada*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.
- Even-zohar, I. Polysystem Studies, in *Poetics Today*. Durham: Duke University Press, vol. 11, nº 1, 1990.
- Frias, José Yuste. *Paratextualidade e Tradução: A paratradução da Literatura Infantil e Juvenil*. Tradução de Gisele Tyba Mayrink Orgado. Caderno Tradução, Florianópolis, nº34, 009-060, jul.-dez.2014.
- Grimm, Brüder. *Die Kinder und Hausmärchen*. Kinderbuch Verlag. 2002/2003.
- Hunt, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.
- Larrosa, J. *Revista Experiência e Alteridade em Educação*. Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul. v.19. n.2. p.04-27, jul-dez.2011
- Oittinen, Riita. *Translating for Childrens*. Garland Publishing, 2002.
- Pontes Jr., G. R. & Batalha, M. C. *A tradução como prática da alteridade*. Cadernos da Tradução, 2014.
- Meschonnic, Henri. *Poética do Traduzir*. Tradução Gersa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo :Perspectiva, 2010.- (Coleção Estudos ; 257).
- Miranda , J.V.A. *Levinas e a reconstrução da subjetividade ética aproximações com o campo da educação* . Brasil Revista Brasileira de Educação v. 19 n. 57 abr.-jun. 2014.
- Paz, Otavio. *Televisión: cultura y diversidad. Hombres en su siglo y otros ensayos*. Barcelona: Biblioteca de bolsillo, 1990.
- Oliveira, Vera Lúcia. *O eu e o outro na tradução: pensando a alteridadelpotesl*, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 81 - 86, jan./jul. 2009

Winckler, Silvana. *Igualdade e cidadania em Hannah Arendt*. Ano XII nº 22, jul./dez. 2004, p. 7-22

Wind, Tonia L. *Mosaicos de Culturas de Leitura e Desafios da Tradução na Literatura Infanto-Juvenil*. Jundiaí: Paco editorial, 2015.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 85, 87

Acre 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 113, 114, 149

Adaptação escolar 84, 85, 87

Alteridade 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 243

Análise de conteúdo 25, 29, 33, 206

Aprendizagem pela prática 97, 102, 103

Aprendizagem significativa 123, 124, 125, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 213

Autoria 36, 49, 152, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176

C

Ciência 16, 42, 50, 52, 55, 56, 66, 97, 99, 100, 108, 109, 181, 182, 184, 187, 201, 202, 206, 207, 211, 220

Competências linguísticas 1, 4, 7, 11, 12, 171

Comunicação 6, 8, 9, 25, 26, 27, 32, 33, 34, 36, 37, 50, 51, 70, 78, 87, 91, 112, 114, 131, 174, 179, 181, 190, 191, 222, 225, 226

D

Didática profissional 97, 98, 99, 103, 104

Dinâmica da terra 15, 16, 17, 19

E

Educação de jovens e adultos 71, 72, 73, 78, 80, 82, 83, 113, 114, 194

Ensino 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 35, 36, 37, 41, 49, 50, 52, 55, 56, 59, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 129, 130, 131, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 161, 170, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 189, 190, 191, 194, 195, 201, 202, 205, 206, 207, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 245

Ensino aprendizagem 64, 66, 69, 83, 88, 119, 180, 182, 183

Escola acessível 85

F

Ferramenta didática 88, 89, 91, 94

G

Gamificação 35, 37, 38, 39, 48, 49, 50, 51

Gamificação no ensino superior 35

H

Horta 149, 150, 151, 152, 153

I

Identidade 27, 79, 124, 126, 128, 143, 144, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 214, 215, 218, 219, 230, 231, 235, 237, 238, 239, 240, 243, 244

Inserção social 1, 6, 56

J

Jogo digital 67, 123, 124, 125

Jovens 50, 69, 71, 72, 73, 74, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 89, 113, 114, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 194

L

Literatura infanto-juvenil 140, 141, 142, 145, 181

M

Maquetes 15, 16, 17, 18, 19

Matemática 44, 55, 83, 96, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 151, 152, 180

Metalografia 97, 103, 104

Metodologias ativas de ensino 97, 102

N

Novos saberes 123, 124

O

Oralidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 34, 220, 221, 223, 224, 225, 226

P

Paródias 15, 16, 17, 18, 21, 22

Perfil de alunos 71, 73, 78, 80

Pesquisa ensino e aprendizagem 149

Projeto de aprendizagem gamificado 35

Q

Queimadas 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Química 50, 55, 57, 70, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 107, 123, 126, 139

R

Rádio 25, 27, 28, 29, 32, 33, 34

Região dos inconfidentes 71, 73, 75, 79

S

Sala de aula invertida 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96

Seleção de materiais 97, 99, 100

Semiárido 25, 26, 30, 31, 32, 33

Sentidos 28, 105, 107, 109, 143, 144, 145, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 175, 228, 234

Silenciamentos. 171

Simple soroban 113, 114, 117

Sociedade 3, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 16, 26, 32, 38, 42, 52, 55, 56, 57, 61, 75, 89, 94, 122, 131, 136, 138, 141, 143, 145, 147, 155, 167, 169, 170, 172, 174, 175, 177, 182, 184, 187, 204, 206, 210, 211, 212, 220, 221, 223, 227, 235, 242

Spot 25, 28, 29, 30, 31, 32

T

Tecnologia 21, 23, 38, 39, 47, 50, 51, 52, 55, 56, 58, 66, 68, 69, 70, 90, 95, 113, 114, 117, 118, 119, 120, 133, 190, 202, 213, 220

Tecnologia da informação 114, 213

Trabalho 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 25, 26, 28, 42, 43, 45, 50, 51, 52, 56, 57, 62, 66, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 88, 89, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 108, 113, 114, 115, 117, 118, 121, 125, 126, 129, 136, 140, 149, 150, 151, 152, 155, 166, 169, 170, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 196, 204, 210, 212, 213, 214, 222, 226, 236, 239

Tradução intercultural 140, 142, 145, 147

Transdisciplinaridade 50, 149, 150

V

Vídeos 15, 16, 17, 18, 21, 22, 35, 56, 63, 92, 93, 94, 152, 183

